

ISSN: 2178-602X

Entrevista

Volume 18, Número 3, set-dez de 2024

Submetido em: 27/06/2024

Aprovado em: 25/09/2024

Paola Ricaurte-Quijano: tecnologias digitais a partir de uma práxis política feminista

Paola Ricaurte Quijano: digital technologies from a feminist political praxis

Paola Ricaurte-Quijano: tecnologías digitales desde una praxis política feminista

Ana Júlia de Freitas CARRIJO¹

Ana Carolina Damboriarena ESCOSTEGUY²

Resumo

A entrevista realizada com a pesquisadora Paola Ricaurte-Quijano tem como objetivo apresentar um relato de sua experiência como pesquisadora feminista no campo das tecnologias, que ocupa atualmente um entre-lugar acadêmico e político Sul-Norte, reivindicando demandas do Sul. Abordamos a trajetória da pesquisadora, suas escolhas políticas e acadêmicas e sua perspectiva acerca de seu atual lugar de enunciação. Tratamos também de questões vinculadas a tecnologias contemporâneas, como algoritmos de recomendação e processos de datificação, enfatizando as contribuições de uma abordagem decolonial nesse campo.

Palavras-chave: Entrevista; Tecnologia; Decolonial; Feminismos.

¹ Doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestra em Comunicação (UFG) - e-mail: anajucarrijo@gmail.com - ORCID: 0000-0001-8372-1003

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Visitante do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). e-mail: carolad2017@gmail.com - ORCID: 0000-0002-0361-6404



Abstract

The interview conducted with researcher Paola Ricaurte-Quijano aims to present an account of her experience as a feminist researcher in the field of technologies, currently occupying an in-between academic and political South-North space, advocating for South demands. We address the researcher's trajectory, her political and academic choices, and her perspective on her current place of enunciation. We also discuss issues related to contemporary technologies, such as recommendation algorithms and datafication processes, emphasizing the contributions of a decolonial approach in this field.

Keywords: Interview; Technology; Decolonial; Feminisms.

Resumen

La entrevista realizada con la investigadora Paola Ricaurte-Quijano tiene como objetivo presentar un relato de su experiencia como investigadora feminista en el campo de las tecnologías, que ocupa actualmente un entre-lugar académico y político Sur-Norte, reivindicando demandas del Sur. Abordamos la trayectoria de la investigadora, sus elecciones políticas y académicas y su perspectiva acerca de su actual lugar de enunciación. Tratamos también cuestiones vinculadas a tecnologías contemporáneas, como algoritmos de recomendación y procesos de datificación, enfatizando las contribuciones de un enfoque decolonial en este campo.

Palabras clave: Entrevista; Tecnología; Decolonial; Feminismos.

Apresentação

Tecnologias digitais, como algoritmos e inteligências artificiais, assumem lugares centrais nos debates contemporâneos. Reconhecemos como aspecto fundamental nesse contexto a posição estratégica ocupada por grandes empresas de tecnologia, chamadas *Big Techs*, em debates político-econômicos e no estabelecimento de valores de interesse comum. As *Big Techs* são grandes corporações privadas, como Google, Apple, Meta e Microsoft, com atuação global e guiadas por interesses comerciais. Elas detêm o controle de sistemas tecnológicos, exponencialmente refinados, que orientam lógicas de organização da vida social contemporânea.

Essas gigantes da tecnologia são empresas majoritariamente localizadas no Vale do Silício, nos Estados Unidos. Suas lógicas corporativas, forjadas em um ambiente predominantemente masculino e branco, em um país do Norte global, atravessam fronteiras e passam a mediar circuitos de consumo específicos em regiões com modos de vida diversos entre si. Essa lógica de atuação global é sustentada por um discurso



neoliberal de facilitação das interações sociais, intimamente vinculado a uma celebração do avanço tecnológico.

Porém, as experiências dos sujeitos com as tecnologias oferecidas por essas empresas em lugares diferentes do planeta revelam que o discurso universalizante acerca do desenvolvimento tecnológico exclui do panorama contemporâneo uma série de práticas de negociação e resistência, bem como táticas de uso diversas, acionadas em contextos particulares (Bonini; Treré, 2024). Por isso, o discurso hegemônico tecnocentrado precisa ser tensionado com as múltiplas realidades de apropriação das tecnologias para que a compreensão do atual entorno sociotécnico seja mais próxima da realidade cotidiana em diferentes latitudes.

Além de evitar determinismos e situar as especificidades das experiências com as tecnologias, essa perspectiva crítica torna-se cada vez mais relevante para que os sujeitos e suas realidades contextuais não sucumbam ao poder das grandes empresas, sendo relegados à mera condição de “usuários” e “fornecedores de dados”, catalogados segundo perfis quantitativos e comportamentais de consumo.

Destacamos o protagonismo que Paola Ricaurte-Quijano tem assumido nesse debate, especialmente por tratar-se de um espaço historicamente ocupado majoritariamente por homens. A pesquisadora e ativista, a partir de diálogos com pensamentos decoloniais e feministas interseccionais, tem participado da construção de redes, dentro e fora da academia, comprometidas com a resistência a abordagens hegemônicas sobre o poder de tecnologias algorítmicas e de inteligência artificial. Para ela, as tecnologias não são meros dispositivos, mas um conjunto complexo de sistemas sociotécnicos, cujas dimensões políticas, econômicas, educacionais, legais e ambientais precisam ser consideradas em investigações críticas interessadas em contribuir para práticas mais éticas, inclusivas e diversas.

Em trabalhos recentes, Ricaurte-Quijano (2019; 2022) reitera que a narrativa hegemônica em torno do desenvolvimento tecnológico, apresentada pelas *Big Techs*, enfatiza suas dimensões de eficiência, otimização e automação global, mas encobre os custos humanos, materiais e ambientais que o subsidiam. A pesquisadora observa como a associação de tecnologias inteligentes a algo desejável, conveniente e inevitável faz parte de uma perspectiva “tecnossolucionista” que se impõe como paradigma universal da existência. Porém, ao passo que esse discurso beneficia os centros de tecnologia e poder, intensifica as assimetrias ao redor do mundo.



Mais que isso, Ricaurte-Quijano (2019) identifica uma imposição violenta de modos específicos de ser, pensar e sentir, engendrados a partir de uma visão tecnocentrada, que impede a existência de outras epistemologias para além daquela vinculada ao Norte hegemônico. Desse modo, as grandes corporações exploram recursos, dados, trabalho, corpos, territórios e subjetividades de populações variadas para acumular capital, privilégios e poder em elites globais, em detrimento dessas outras existências.

Por isso, a pesquisadora defende que o desenvolvimento tecnológico deve ser investigado como um mecanismo que serve aos interesses de tais elites, sendo que o avanço da tecnologia hegemônica é parte de um processo histórico capitalista, neoliberal, colonialista, racista e patriarcal. A conexão desses sistemas de opressão é objeto de interesse de Ricaurte-Quijano (2022), investigados a partir do diálogo com campos como os estudos críticos da mídia, estudos de ciência, tecnologia e sociedade (STS), feminismos interseccionais e abordagens decoloniais.

Por essa via, as produções de Ricaurte-Quijano assumem uma postura contextual de análise, que considera os impactos desiguais do desenvolvimento tecnológico e reconhece diferentes epistemologias para as práticas de uso e produção de tecnologias. Assim, na busca por desuniversalizar narrativas tecno-centradas, a pesquisadora tem construído abordagens que respeitam populações e suas diversidades culturais, trazendo para o centro do debate práticas de resistência ao colonialismo de dados³ e a outras formas de opressão atreladas a ele; bem como alternativas emergentes de uso e produção de tecnologias, que assumem a responsabilidade sobre os impactos ambientais advindos do refinamento tecnológico.

Exemplos desse movimento são o envolvimento de Ricaurte-Quijano em projetos como o *Tierra Común*⁴, que reúne ativistas e pesquisadores para mobilizações de resistência ao colonialismo tecnológico, especialmente na América Latina, e a *Feminist Artificial Intelligence Research (F<A+I>R)*⁵, grupo de pesquisa que conecta mulheres produtoras de tecnologias com ações para encaminhar o desenvolvimento tecnológico para rumos mais éticos, diversos e transformadores. Além disso, no âmbito

³“Data colonialism is our term for the extension of a global process of extraction that started under colonialism and continued through industrial capitalism, culminating in today’s new form: instead of natural resources and labor, what is now being appropriated is human life through its conversion into data.” (Couldry; Mejias, 2019, xix).

⁴ Mais informações no site: <https://www.tierracomun.net/en/home>. Acesso em: 27.jun.2024.

⁵ Mais informações no site: <https://www.feminist.ai/>. Acesso em: 27.jun.2024.



acadêmico, a pesquisadora tem contribuído com a construção de uma teoria popular sobre algoritmos (Siles, Gómez-Cruz, Ricaurte-Quijano, 2024), com o desenvolvimento de enquadramentos éticos para inteligência artificial (Ricaurte-Quijano, 2022) e ainda com a sistematização de operadores teórico-metodológicos para estudos sobre a colonialidade do poder no âmbito do colonialismo de dados (Ricaurte-Quijano, 2019).

Paola Ricaurte-Quijano esteve no Brasil, durante o 32º Encontro Nacional da Compós, quando realizou a conferência de abertura do evento, com o tema “Comunicação e rupturas ontológicas na sociedade algorítmica: a luta para reparar o sentido do comum”⁶. Nesta oportunidade, compartilhou suas perspectivas acadêmicas e políticas sobre desafios contemporâneos relacionados aos processos de datificação, algoritmização e automatização da sociedade, especialmente no que se refere à busca pelo vínculo entre os sujeitos, considerando suas particularidades geográficas, étnicas, de gênero, etc.

Realizamos a entrevista com a pesquisadora, de forma remota, via Zoom, com objetivo de conhecer um pouco mais de sua história e destacar sua experiência como pesquisadora feminista, que ocupa um entre-lugar acadêmico e político Sul-Norte, reivindicando demandas do Sul. Os temas tratados foram organizados em dois eixos. O primeiro deles aborda a trajetória da pesquisadora, suas escolhas políticas e acadêmicas e seu atual lugar de enunciação. O segundo trata de questões vinculadas a tecnologias contemporâneas, como algoritmos de recomendação e processos de datificação, enfatizando as contribuições de uma abordagem decolonial nesse campo.

CARRIJO E ESCOSTEGUY: *Para começarmos, poderia nos contar um pouco mais sobre o início da sua trajetória profissional? Como foram feitas suas escolhas acadêmicas e políticas ao longo da sua vida?*

PAOLA RICAURTE-QUIJANO: Bom, eu posso dizer que entrei na academia um pouco casualmente depois de terminar meus estudos de mestrado na Rússia e voltar para o Equador. Não encontrei trabalho e decidi vir para o México para continuar estudando e fazer outro mestrado. Fiquei, primeiro dando aulas e, aos poucos, me envolvendo em questões mais ativistas, politicamente. Comecei o doutorado enquanto

⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CECEFSIN8aA>>. Acesso em: 27.jun.2024.



estava trabalhando e dando aulas. E com o doutorado, abriu-se um novo campo para mim, o da pesquisa, que ainda não tinha explorado. Então, comecei realmente tarde a pesquisar porquê de alguma forma eu era basicamente professora. Não fazia pesquisa, apenas me dedicava ao ensino. Com o doutorado, se abriram diferentes possibilidades, não apenas para avançar na produção de conhecimento, mas também para eu mesma entender como a pesquisa pode ajudar a alimentar as próprias decisões políticas, a entender o que está acontecendo na realidade e, ao mesmo tempo, fornecer mais ferramentas para uma atuação política. Então, a pesquisa foi de alguma forma uma descoberta, mas sempre orientada para aspectos relacionados à transformação social, ao acesso aos direitos, ao acesso à justiça e sempre atravessada pela dimensão tecnológica, porque, de alguma forma, é algo que sempre me encantou. Sempre fui fascinada pela tecnologia. Desde que a Internet começou a fazer parte de nossas vidas, sempre foi uma fascinação para mim tudo o que estava associado à Internet. Primeiro, com questões de aprendizado, porque eu era professora, então me envolvi em temas relacionados à apropriação digital, no contexto educacional, na formação de comunidades de aprendizado online. Trabalhei muitos anos nesse tema. Depois me envolvi com redes sociais, mesmo sem ter abandonado a questão do aprendizado, das pedagogias digitais, migrei para questões de movimentos sociais, movimentos sociais usando tecnologias e agora, mais recentemente, para questões relacionadas a tecnologias emergentes como a inteligência artificial.

CARRIJO E ESCOSTEGUY: *E, atualmente, como você tem experienciado sua presença como mulher pesquisadora na área de tecnologias?*

PAOLA RICAURTE-QUIJANO: Bem, a carreira que eu queria estudar era Engenharia de Sistemas. Mas depois eu mudei de ideia. A leitura que eu fiz foi que eu estava com medo. Parecia algo que não era para mim, mesmo vindo da matemática. Eu realmente gostava de matemática e tinha muito apoio dos meus professores. Mas, de alguma forma, acho que algo aconteceu ali, eu disse a mim mesma, “eu não vou conseguir, não, não vou dar conta disso”. Então, comecei com humanidades e depois com ciências sociais. Acho que parte do que aconteceu na minha história pessoal, como sabemos, não é uma questão pessoal, mas sim uma questão estrutural que faz as mulheres se afastarem desses campos, porque eles são apresentados como mais orientados para homens. Então, acredito que uma das coisas que mais temos que



disputar é o nosso espaço nesse campo, dependendo do contexto de onde viemos, porque existem condições que são ainda mais difíceis, com mais obstáculos. Mas, ao mesmo tempo, acho que algo que essa nova época trouxe é a conscientização de que essas estruturas que nos excluem de certos domínios, não apenas da tecnologia, mas de muitos outros, não são problemas pessoais, ou seja, não é uma questão de não podermos ou de não termos a capacidade, mas sim um problema de uma série de estruturas sociais que nos colocam em uma determinada posição e que é difícil depois tentar remover todas essas barreiras e todos esses *corsets* que nos são impostos simplesmente por sermos mulheres. Então, apesar de nós, mulheres, e em minha trajetória, como todas, termos sofrido muitos tipos de violência, em termos de trabalho, em termos de salários, por exemplo, não ganhamos o mesmo, não somos reconhecidas da mesma forma, não temos as mesmas oportunidades de tomar decisões, não temos a mesma capacidade de fazer ouvir nossas vozes, muitas vezes não temos as condições para produzir conhecimento, embora tenhamos a capacidade. Não temos as condições para fazer isso, escrever, ler, estudar, nos preparar. No entanto, acho que de qualquer maneira agora, como eu disse, há uma maior conscientização e também uma maior possibilidade de nos organizarmos politicamente para denunciar essas desigualdades e obstáculos que as mulheres enfrentam para acessar diferentes campos ou recursos em igualdade de condições. Portanto, acredito que, nesse sentido, minha história não é diferente da de outras mulheres. Acho que todas nós passamos por isso, claro, há muitas em situações menos privilegiadas que precisam lutar muito mais. Mas acredito que o fato de a sociedade ou nós mesmas estarmos muito mais sensíveis às injustiças cometidas por questões de gênero é pelo menos um bom começo. Antes, acredito que não havia tanta consciência, e permitíamos ser violentadas de muitas formas porque não entendíamos que era violência. Mas acho que hoje há uma maior conscientização e isso nos permite ter um pouco mais de ferramentas para enfrentar essas desigualdades.

CARRIJO E ESCOSTEGUY: *Pensando que as práticas políticas, de pesquisa e ensino são sempre situadas, como você percebe sua posição situada no Sul mas também atuando no Norte? Quais são as principais convergências e divergências que você tem percebido entre abordagens próprias do Sul e advindas do Norte?*



PAOLA RICAURTE-QUIJANO: Bem, esta é uma pergunta muito interessante. Sim, estou obviamente posicionada em, digamos... meu lugar de enunciação é o Sul, meu lugar de enunciação é a partir do feminismo, de uma posição crítica, anticolonial, antirracista... e também de especialista. Portanto, sempre é complexo, porque em alguns contextos, isso é recebido como uma ameaça. Posicionar-se a partir dessas diferentes identidades ou filiações ideológicas e políticas nem sempre é simples. E tive a sorte de receber uma bolsa em Harvard para realizar uma pesquisa que me permitiu entender muitas coisas que talvez saibamos porque estudamos ou lemos. Mas, para mim, a aprendizagem mais importante foi vivenciá-la. Ou seja, como os centros de conhecimento e poder operam em aliança com outros atores para alcançar certos objetivos, sejam eles econômicos ou políticos... Portanto, para mim, a reflexão foi muito importante, porque foi como ter a experiência dos mecanismos de operação do poder e do conhecimento. Estando lá, é claro, pude ter acesso direto aos líderes das grandes empresas de tecnologia, aos grandes pensadores que moldaram o pensamento sobre a Internet, às iniciativas que também moldaram o desenvolvimento da Internet, às pessoas que a construíram, que conectaram as primeiras máquinas para que eu pudesse enviar um e-mail, e para mim, isso foi muito impressionante. Foi muito impressionante porque foi como entender exatamente como as tecnologias são construídas, mas também como as narrativas e o conhecimento em torno da tecnologia são construídos. E foi exatamente a partir daí que comecei a pensar junto com outros que vêm do Sul global, porque nos reunimos para tentar descobrir o que estávamos fazendo lá. Começamos a articular um grupo de trabalho de reflexão crítica sobre dados, inteligência artificial, produção de conhecimento em sociedades automatizadas e isso marcou uma virada muito importante em minha carreira. Desde então, o que tenho tentado fazer é participar desses ambientes para questionar esses mecanismos de operação do poder e do conhecimento. Mas trabalhei muito para me articular com o Sul, com outras pessoas que estão trabalhando no Sul para denunciar esses mecanismos. Então, trabalho com diferentes atores e em diferentes níveis, pelo menos é assim que vejo, esse é o objetivo do meu trabalho. Trabalho com grupos da sociedade civil que trabalham em questões de direitos digitais, que trabalham com desenvolvimento tecnológico, mas também trabalho com essas esferas muito elevadas de organismos internacionais que definem políticas para o resto do mundo. Portanto, para mim, é um pouco como conectar essas demandas que vêm dos territórios e essas experiências que estamos tendo nos territórios para que sejam vistas e ouvidas nesses



outros fóruns, porque, infelizmente, da maneira como a governança da tecnologia da Internet está organizada, muitas vezes não temos tanta influência. Portanto, para mim, é importante ver como nos tornamos visíveis, como nos fazemos ouvir com essas posições que nem sempre são confortáveis diante do poder.

CARRIJO E ESCOSTEGUY: *Agora, falando um pouco mais especificamente sobre tecnologias... O contexto contemporâneo de datificação e mediação de algoritmos cada vez mais refinados traz uma retomada de um debate na pesquisa em Comunicação relacionado à tensão entre o “poder” tecnomidiático e a agência dos sujeitos. O que você pensa sobre esse tensionamento?*

PAOLA RICAURTE-QUIJANO: Recentemente publicamos um artigo com colegas, Ignacio Siles e Edgar Gómez-Cruz (2023). Ignacio está baseado na Costa Rica e Edgar é mexicano, mas atualmente está em Austin. Queríamos responder a essa pergunta porque historicamente existe esse debate entre a estrutura e a agência, entre as estruturas macrossociais, as instituições, e depois a agência dos sujeitos. E, em particular, todos esses sistemas sociotécnicos, de alguma forma impulsionados ou desenvolvidos principalmente por empresas privadas, são baseados em uma lógica muito extrativa e de despojo. Então, às vezes, parece que quando trabalhamos nesses tópicos e a partir de uma perspectiva crítica, que é de onde estou vindo, dizemos: "Bem, essas empresas, essas tecnologias são extremamente violentas, extrativas, então qual é a nossa possibilidade como sujeitos?". Pode ser muito desanimador ver todo esse grande poder que elas concentram, não apenas em termos de infraestrutura, mas também em termos de recursos, em termos de conhecimento. Pode parecer desanimador, mas eu acredito, e essa é a outra parte do meu trabalho, que é importante tornar visível que existem muitas iniciativas que mostram como os sujeitos sempre estão demonstrando sua agência em qualquer contexto, não necessariamente por meio do ativismo, mas em sua vida cotidiana. O tempo todo estamos tomando decisões e também estamos buscando como contestar essas mediações algorítmicas ou imposições dessas plataformas. De muitas maneiras. Elas vão desde maneiras às vezes subjetivas, às vezes a própria construção da subjetividade, refiro-me, até maneiras talvez mais visíveis, mais materiais, como, por exemplo, o tipo de uso que damos às tecnologias, por exemplo, à gestão de que tipo de software usamos, ou o fato de que talvez tenhamos uma visão de não usar certas tecnologias. Ou seja, há muitas maneiras.



A arte é outro campo maravilhoso, as expressões estéticas. Há muitas maneiras pelas quais as pessoas mostram essa agência. E isso para mim é inspirador porque penso que as condições, especialmente na América Latina, um continente, uma região tão marcada pela desigualdade, pela violência, mesmo aí existem essas iniciativas, apesar de tudo. Acredito que isso deve nos dar esperança e também nos comprometer com essas formas de ação, de agência, de resistência e que estas sejam possíveis. Portanto, parte do que também tento fazer é dar visibilidade a essas outras formas de agência e que essas formas de agência não significam, como mencionei antes, necessariamente estar na rua o tempo todo, mas que às vezes operam de maneiras mais fluidas. Essa é nossa hipótese, nosso argumento: operam de maneiras mais fluidas. Às vezes em tensão, às vezes em negociação, às vezes em aceitação, mas definitivamente mostram uma maneira pela qual os sujeitos estabelecem uma relação com as tecnologias que usam. Portanto, acho importante entender que essa agência não é como se fosse algo monolítico, não é algo rígido. É uma agência que se molda e se adapta às circunstâncias, dependendo das condições e também dos mecanismos de sobrevivência que precisamos usar para existir neste mundo. Portanto, acredito que entender a agência nos permite ser um pouco menos rígidos, menos rígidas conosco mesmas, porque há muita culpabilização do sujeito, das pessoas usuárias em relação às tecnologias, como se as pessoas usuárias tivessem todas as responsabilidades, quando, na verdade, sabemos que isso é um sistema [no original: *ensamblaje*] sociotécnico com muitos componentes, e nós somos apenas uma parte desse componente, mas muitas outras coisas estão operando nesse conjunto de relações e precisamos entender qual é o nosso papel. Entender qual é o nosso papel e que existem atores muito poderosos que estão investindo muito dinheiro para nos fazer acreditar que não podemos tomar decisões ou ter agência.

CARRIJO E ESCOSTEGUY: *Sobre a perspectiva decolonial, você tem reiterado nas suas falas sobre a abordagem decolonial o fato de que ela não é somente um enquadramento crítico, mas uma práxis política. Que tensões você destacaria nas articulações entre pesquisa acadêmica e atuação política no campo das tecnologias digitais?*

PAOLA RICAURTE-QUIJANO: Assim como o feminismo, o enquadramento decolonial deve ser entendido essencialmente como uma prática política destinada a



nos libertar dessas diferentes formas de opressão. E, para mim, a pesquisa deve me fornecer elementos para articular essa prática política de forma a ter um maior impacto em nosso ambiente, na região em que vivemos. Para mim, a América Latina e o Caribe são regiões que sofrem violências diariamente. Todos os dias vivemos nesse contexto de violência, nesse contexto de desigualdades. Eu acredito que nossa tarefa é tornar visíveis e tentar erradicar essas violências de todas as maneiras possíveis no campo em que cada um de nós pode agir. Nem todos podem agir em todos os campos, e as pessoas menos privilegiadas têm menos capacidade de agir. Portanto, o compromisso político da academia é dizer: bem, somos privilegiados, apesar de nossas condições precárias de trabalho, ainda somos pessoas privilegiadas porque temos acesso ao conhecimento, porque temos acesso a redes e a outros recursos. E isso deve nos levar a direcionar nossas práticas políticas para tentar reverter essas condições que permitem que apenas algumas pessoas tenham privilégios, enquanto todas as outras são despojadas. E isso no campo da tecnologia tem muitas facetas, porque envolve a dimensão legal, a dimensão educacional, a dimensão infraestrutural, a dimensão social, cultural, a dimensão ambiental, e assim por diante. Quando falamos de tecnologia, é importante enfatizar que não estamos falando apenas de dispositivos, mas de todos esses conjuntos que articulam todos esses componentes. E se não pensarmos neles juntos, como um complexo conjunto de relações, sistemas de produção de conhecimento, sistemas tecnológicos, sistemas de mídia, as leis que temos, práticas culturais, regimes financeiros, regimes políticos... Ou seja, se não pensarmos de forma articulada, temo que não seremos capazes de gerar alternativas. Portanto, acredito que, para propor alternativas, precisamos de mais maneiras de conectar essas diferentes formas em que o poder e a dominação se expressam com, no caso específico com o qual trabalho, os sistemas tecnológicos, sistemas sociotécnicos. Ou seja, qual é o papel dos sistemas sociotécnicos em sustentar um regime econômico, político, epistêmico, social, que está essencialmente orientado para exercer violência sobre corpos e territórios específicos. Portanto, dado às urgências em nossa região, nossa tarefa como acadêmicos é avançar nessas agendas, mas de maneira articulada com as outras lutas no território, com as lutas das pessoas que não estão na academia.

CARRIJO E ESCOSTEGUY: *Seu vínculo com redes de pesquisa feministas tem mobilizado diversos projetos, como a Feminist Artificial Intelligence Research (F<A+I> R), em busca de uma inteligência artificial não só mais eficiente, mas*



também mais inclusiva e transformadora. Como os estudos feministas contribuem para o estudo de tecnologias digitais, especialmente algoritmos e outros sistemas de inteligência artificial?

PAOLA RICAURTE-QUIJANO: Bem, parte do que tento focar é criar condições para que mais mulheres e pessoas que foram sistematicamente excluídas da produção tecnológica possam participar desses processos. Muitas vezes, somos vistas apenas como usuárias e não como pessoas capazes de desenvolver tecnologia. Então, o que acontece com essas mulheres que nunca são consideradas agentes na produção tecnológica? Algo que tenho tentado fazer nesta rede é promover a troca de conhecimento e experiências entre mulheres que estão fazendo coisas incríveis, mas que às vezes não se conhecem, não sabem que existem, mas têm muito a contribuir com base em suas próprias experiências, algumas acadêmicas, outras não acadêmicas, vindas de diferentes lugares. E acredito que esse diálogo multidisciplinar e interdisciplinar, bem como a troca de experiências diversas, nos permite ter uma compreensão mais clara do que precisamos para desenvolver as tecnologias de que necessitamos. A experiência com a Rede de Pesquisa Feminista em Inteligência Artificial, pelo menos o núcleo que coordeno na América Latina e no Caribe, tem sido fantástica porque nos permitiu conectar muitas pessoas interessadas em pensar sobre esse tema, mas também em agir, em desenvolver tecnologia. E aqui utilizamos, mais uma vez, a questão que você mencionou entre o Norte e o Sul, mobilizando recursos do Norte para que as mulheres possam agir e desenvolver tecnologias. Infelizmente, em nossos países, não existem projetos voltados para impulsionar o desenvolvimento tecnológico com uma perspectiva feminista. Existem muito poucas políticas públicas que têm foco na inovação com uma perspectiva de gênero, diversidade e inclusão como aspecto fundamental. Portanto, vemos poucas pessoas dos povos originários envolvidas no desenvolvimento, poucas mulheres, poucas pessoas de grupos não acadêmicos. Mas algo que o projeto nos mostrou é que, se você criar as condições certas para a plataforma de inovação, isso é possível. Muitos de nossos projetos vêm da sociedade civil, não da academia, ou vêm de parcerias entre a sociedade civil e a academia, ou entre a sociedade civil e grupos de desenvolvimento e desenvolvedores. Isso me parece fantástico porque procuramos maneiras de nos fortalecer, cada um em seu lugar, e quebramos essas barreiras que nos dizem que apenas da academia ou da indústria se pode inovar e criar tecnologia. Portanto, acredito que essa é a maior lição



aprendida: não é necessário ser da academia ou da indústria, qualquer, bem, entre aspas porque não é “qualquer”, mas mais pessoas podem ter a capacidade de participar do processo de desenvolvimento tecnológico, sempre e quando tiverem as condições para isso, ou seja, desde que criemos as plataformas adequadas para que essas pessoas possam fazê-lo. O que estamos tentando fazer é demonstrar que isso é possível. Obviamente, o próximo passo ou obstáculo é como tornar isso não apenas um projeto com um prazo e um orçamento pequeno, mas como tornar isso uma prática incorporada como parte de uma política estatal para que mais pessoas possam participar do desenvolvimento de suas próprias tecnologias e não continuemos com a dependência tecnológica e infraestrutural que temos na região.

CARRIJO E ESCOSTEGUY: *Para finalizarmos, o que você considera hoje como uma questão central a ser enfrentada em pesquisas que queiram compreender o entorno tecnocomunicativo contemporâneo e contribuir para que ele se torne mais inclusivo, ético e diverso?*

PAOLA RICAURTE-QUIJANO: Eu acredito que existem muitas, e é bom que cada vez existam mais, pesquisadoras que estão muito interessadas em fazer com que suas pesquisas tenham esse impacto social. Eu acho que estamos indo por um bom caminho e as gerações mais jovens estão ainda mais sensibilizadas. Para nós, foi um aprendizado tardio e a vantagem das pesquisadoras mais jovens é que sua luta vem de um contexto diferente, o que também lhes permite ter mais clareza desde o início. Para nós, não foi tão claro. Foi um caminho muito mais longo e começamos tarde, mas acredito que cada vez mais mulheres estão tomando consciência de sua capacidade de transformar o mundo social por meio da produção de conhecimento. Eu sempre digo que cada vez que temos uma mulher estudando é uma conquista para todas nós, cada vez que uma mulher escreve uma tese, um artigo ou um livro, é uma conquista para todas porque sempre fomos silenciadas, sempre nos disseram que não podemos falar, escrever ou pensar. Portanto, acredito que o que pudermos fazer faz parte dessas conquistas coletivas que estamos começando a ver com mais frequência e cada vez mais enraizadas nas novas gerações. É verdade que o mundo é muito complexo e estamos vivenciando violências terríveis, mas, ao mesmo tempo, o que vejo é que, como mencionei antes, cada vez mais pessoas estão conscientes e mais coisas não são toleradas. Ou seja, coisas que tolerávamos antes não são mais toleradas agora. Coisas que antes não víamos como



violência agora são reconhecidas como violência, compreendidas como violência e isso para mim é algo fantástico. Ou seja, como aumentamos nossa conscientização. Isso não significa que seja algo compartilhado por todo o mundo, mas quero dizer que cada vez mais mulheres estão desenvolvendo uma sensibilidade muito maior em relação às diferentes formas de expressão da violência e também estão muito mais conscientes de nossa capacidade para transformar essas injustiças por meio de nossas próprias ações. Portanto, apesar de todas as crises e tudo mais, eu ainda tenho muito otimismo.

Referências

BONINI, T.; TRERÉ, E. **Algorithms of Resistance**: the everyday fight against platform power. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2024.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises. A. **The costs of connection**: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism. Stanford, California, Stanford University Press, 2019.

RICAURTE-QUIJANO, Paola. Data Epistemologies, The Coloniality of Power, and Resistance. **Television & New Media**, v. 20, n. 4, pp. 350–365, 2019.

RICAURTE-QUIJANO, Paola. Ethics for the majority world: AI and the question of violence at scale. **Media, Culture & Society**, v. 44, n. 4, pp. 726–745, 2022.

SILES, Ignacio. **Living with algorithms**: Agency and user culture in Costa Rica. Cambridge, MA: MIT Press, 2023.

SILES, Ignacio; GÓMEZ-CRUZ, Edgar; RICAURTE-QUIJANO, Paola. Rumo a uma teoria popular de algoritmos. **Mídia E Cotidiano**, v. 18, n. 2, p. 87-108, 2024.

SILES, Ignacio; GÓMEZ-CRUZ, Edgar; RICAURTE, Paola. Fluid agency in relation to algorithms: Tensions, mediations, and transversalities. **Convergence**: The International Journal of Research into New Media Technologies, v. 0, n. 0, 2023, p. 1–16.



Esta é uma ENTREVISTA publicada em acesso aberto (Open Access) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.